

João Basílio

CACHORRADA!



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Basílio, João

Cachorrada! / João Basílio. -- São Paulo : Paulinas, 2021.

152 p. (Coleção Verbis)

ISBN 978-65-5808-070

1. Literatura infantojuvenil I. Título II. Série

21-2323

CDD-028.5

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil 028.5

1ª edição – 2021

Direção-geral: *Flávia Reginatto*

Editora responsável: *Andréia Schweitzer*

Coordenação de revisão: *Marina Mendonça*

Revisão: *Ana Cecilia Mari*

Gerente de produção: *Felício Calegari Neto*

Capa: *João Basílio*

Produção de arte: *Telma Custódio*

Foto do autor: *Tetê de Paula*

Ilustrações: *br.depositphotos.com*

Fontes: sites “*Tudo Sobre Cachorros*”

(*tudosobrecachorros.com.br*) e

“*Dog Hero*” (*love.doghero.com.br*).

Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da Editora. Direitos reservados.

Paulinas

Rua Dona Inácia Uchoa, 62

04110-020 – São Paulo – SP (Brasil)

Tel.: (11) 2125-3500

<http://www.paulinas.com.br> – editora@paulinas.com.br

Telemarketing e SAC: 0800-7010081

© Pia Sociedade Filhas de São Paulo – São Paulo, 2021

A João Pedro, que primeiro me ensinou
as delícias da paternidade.
Foi de um “para casa” dele, aos nove anos,
que surgiu a ideia desta história.

R. DO SUMIDOURO (saída para a estrada) →

RIO BEIRA LIMPA

14

9

R. JABUTICABEIRA

16

13

1

R. LARANJEIRA

10

2

R. LIMOEIRO

R. MAMOEIRO

15

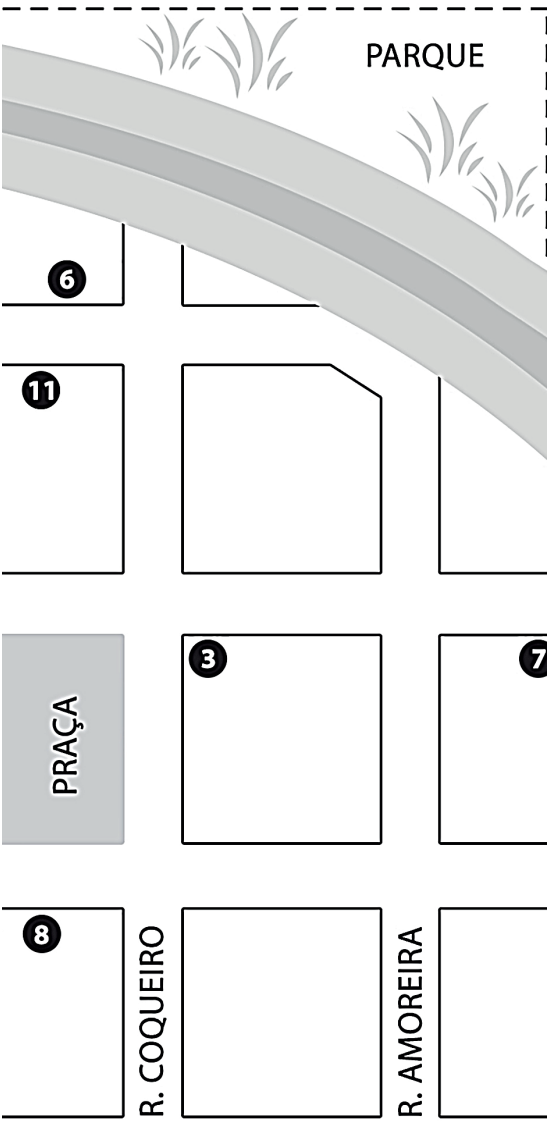
R. PARREIRA

5

R. ABACATEIRO

R. CAJAZEIRO

R. PITANGUEIRA



PARQUE

1. Dona Penha
2. Associação dos moradores
3. Seu Rubens
4. Fabrício e Eleonora (Hércules)
5. Veterinária
6. Verônica (Zara)
7. Rafael
8. Colégio
9. Davi e Laura
10. Marina
11. Altamiro (Brutus)
12. Marconi (Remela)
13. Wanderley (Princesa)
14. Marilda e Jonas (Thor)
15. Salão de beleza
16. Carlos Alberto

PRAÇA

R. COQUEIRO

R. AMOREIRA

R. MANGUEIRA

sumário

1. Hércules e Zara	11
2. Rafael, Marina e Davi	15
3. Com a polícia	21
4. Brutus	25
5. Equipe formada	29
6. Na associação	33
7. Um detetive na área	39
8. Usando a web	43
9. Princesa	47
10. Vigília	51
11. Levantando nomes	55
12. Simultaneamente	59
13. Marina no salão	63
14. O palmeirense	67
15. Três nomes	71
16. Apertando o cerco	75
17. Com o detetive	79
18. Alibi	83
19. Remela	87
20. Os próximos passos	91
21. Pelo muro	95
22. A cruz e o furgão	99
23. Pedala, Davi!	103
24. A Hércules dá um tempo	107

25. Uma notícia boa, outra ruim.....	111
26. Fabrício	115
27. O nome do cão	121
28. No canil municipal	127
29. Corram!.....	131
30. A câmera	135
31. Pingos nos is	139
32. Fama, festa e filme	145
Algumas curiosidades e comentários finais.....	149



1. HÉRCULES e ZARA

— TEM UM EXTERMINADOR DE CÃES NO BAIRRO POMAR, SEU MARCONI!
— Calma, dona Penha! Essa parte eu já entendi, mas vamos com calma. Não podemos tirar conclusões precipitadas.

— Eu tenho certeza, seu Marconi, sou vivida, conheço essas coisas! — dona Penha falava sacudindo o copo, derramando água para todo lado. Usava um vestido estampado e era conhecida no bairro como uma exímia salgadeira. Também era fofqueira, segundo alguns moradores.

— Bom — ponderou seu Marconi, cofiando o cavanhaque bem aparado —, vamos conversar com todos os que vierem à reunião pra decidir o que fazer.

O presidente da AMOPO (Associação dos Moradores do Pomar) olhou para os lados. No salão da paróquia da igreja, onde a associação sempre se reunia, só havia outras doze pessoas, incluindo um adolescente, entre todos os convocados para o encontro extraordinário. Ele vinha notando uma diminuição na participação dos moradores, que cada vez se envolviam menos nas questões da comunidade. Mas naquele caso, considerando a urgência com que dona Penha convocara a reunião, não havia como reclamar da baixa presença. E como já se tinha passado meia hora do horário marcado, Marconi não pôde mais esperar para começar.

– Bom, vamos então ao que interessa. Dona Penha convocou este encontro da associação pra gente discutir uma suspeita de extermínio de cães aqui no bairro. Certo, dona Penha?

– Certo.

– Quando ela me ligou, ontem, eu estava com minha família na praia, em Vila Velha, e voltamos hoje – disse Marconi. – Mas vamos lá, dona Penha, quer contar para os presentes o que houve nos últimos dias por aqui?

Dona Penha pigarreou, ajustou o vestido, ficou de pé e começou seu relato:

– Todo mundo aqui conhece o filho da dona Inês, o Fabrício? Aquele que casou não tem nem um ano, que mora ali no começo da rua Mangueira e trabalha no Banco Futuro... Sabem quem é? – sem esperar resposta do público, prosseguiu: – Então, no sábado retrasado, morreu o dobermann deles, o Hércules. Era o xodó da casa. Eu lembro que eles falavam assim: “Por enquanto, de filho, só o Hércules!”. A esposa do Fabrício é uma que trabalha com...

– Seja mais objetiva – falou uma voz no fundo da plateia, interrompendo o relato. Dona Penha apurou os olhos para ver quem era: seu Rubens, famoso no Pomar. Rabugento, solitário, ele tinha sido presidente da associação tempos atrás. Já fora do cargo, tornou-se o maior reclamão do bairro, fazendo campanhas contra diversas práticas que o incomodavam, do som alto à noite às faixas de propaganda irregular. Era como se continuasse, à sua maneira, a fiscalizar o Pomar.

– Tem razão, seu Rubens – desculpou-se dona Penha, e prosseguiu: – O que interessa é que o Hércules foi envenenado. Sim, envenenado! O doutor Gregório, da veterinária, o examinou e confirmou. Três dias depois, o Fabrício voltou à clínica, para pagar uma conta do Hércules, e disse que “cachorro, nunca mais”. Chorou muito, coitado. Eu estava na clí-

nica na hora, porque fui levar o Chocolate para tosar. Lá que eu fiquei sabendo da história toda... O Fabrício me contou.

– E a segunda morte? – tentou apressá-la seu Rubens.

– Pois é, anteontem, sábado de novo, morreu o cachorro da dona Verônica, aquela que é professora de português aposentada e mora na rua Jabuticabeira. Ela tinha uma poodle, lembram? A Zara. Eram melhores amigas há dez anos, e também apareceu morta no jardim. No mesmo dia da semana e do mesmo jeito!

– Envenenada também? – questionou Marconi.

– Tudo indica, apesar de que não teve exame... Ela jogou o corpo da cadela no rio no mesmo dia. Eu mesma só fiquei sabendo na missa de ontem, porque ela pediu para o padre orar pela alma da Zara. Vê se pode, rezar para cachorro!...

– Peraí, o bicho foi jogado no rio?! – indignou-se o presidente da associação. – Ela não sabe que isso é crime ambiental?

– Pois é, eu falei com ela... Absurdo, né?

– Como se já não bastasse tanto lixo no Beira Limpa... E por que ela acha que a cadela foi morta com veneno?

– Porque o doutor Gregório também estava na igreja e foi conversar com ela assim que acabou a missa. Coitada, nem conseguia falar, quem falou foi o Fabrício, que estava dando uma força para ela. Pelo que ele falou, era a mesma descrição: cadela com o corpo mole, olho vidrado, mucosas pálidas... Foi veneno mesmo.

Marconi coçou a cabeça, intrigado. Parecia não aceitar a hipótese de um exterminador de cães no seu bairro. É certo que o Pomar, como toda a cidade de Santa Clara, tinha ficado mais violento. A paisagem do bairro mudara muito nos últimos trinta anos, e agora a maioria das casas e prédios do bairro tinha cerca elétrica. As ocorrências de furto e roubo vinham aumentando, mas nada que justificasse a suspeita que agora surgia. O bairro era conhecido pela quantidade de

cachorros, que eram a alegria de 99,9% dos humanos... Por que alguém iria começar a matar os bichos? Perdido nesses pensamentos, Marconi nem notou que dona Penha, depois de uma pausa para um gole d'água, tinha recomeçado a falar:

– ... chamar a polícia, é o que tem que fazer! Vamos pedir mais policiamento no bairro e descobrir quem está cometendo essa covardia!

Marconi fez um gesto pedindo a palavra e perguntou:

– Vocês que estão presentes: quem acredita que pode ter um matador de cachorros por aí?

A resposta surpreendeu o presidente: dos doze, onze levantaram a mão quase simultaneamente. Só o menino Rafael, de quatorze anos, filho do dono da padaria, não levantou – mas diante da quase unanimidade, olhou para o pai e ergueu o braço devagar.

– Ok – disse Marconi. – Então vamos investigar isso.

Rafael, que pela primeira vez ia a uma reunião com o pai, sentiu um rebuliço por dentro ao ouvir a palavra “investigar”. E sorriu discretamente.

DOBERMANN

- **Área de origem:** Alemanha
- **Função original:** cão de guarda

Força, inteligência e instinto protetor fizeram dos dobermanns ótimos soldados na Batalha de Okinawa, no Japão, em 1945. Também tiveram brilhante atuação em resgates nos escombros após o atentado às Torres Gêmeas em Nova York, em 2001.





2. RAFAEL, MARINA e DAVI

Santa Clara era uma cidade de porte médio, encravada na região central de Minas Gerais. Crescera muito nas últimas décadas, chegando a trezentos mil habitantes. O clima era quente em boa parte do ano, fazendo com que as cachoeiras da região recebessem muitos visitantes nos fins de semana. A cidade vivia principalmente das lavouras de milho, algodão e da fruticultura. A atividade industrial também era forte, com mineração de quartzo e produção de calçados.

O Pomar era um dos bairros mais tradicionais da cidade. Ganhou esse nome por ter se formado onde antes havia uma chácara com vasta produção frutífera, favorecida pela proximidade do rio Beira Limpa. Assim, as ruas ganharam nomes de árvores. O rio, infelizmente, não é mais limpo – com a urbanização, passou a ser o principal canal de dejetos de Santa Clara.

Como o bairro terminava às margens do Beira Limpa, e por haver ali, àquela altura do rio, apenas uma ponte na divisa com outro bairro, o Pomar tornou-se um lugar privilegiado: tinha basicamente só trânsito local, pois não servia de passagem para nenhuma outra região. Com poucos edifícios

e muitas casas antigas, era um dos bairros mais agradáveis da cidade.

Em uma das salas do 9º ano do colégio Confiança, que ficava na rua Limoeiro, um garoto estava mais agitado do que de costume. Mexendo as pernas e olhando o tempo todo para o relógio, Rafael quase não conseguia prestar atenção na aula de Ciências, mesmo sendo uma de suas disciplinas preferidas. Era um dos alunos mais queridos da turma – comunicativo e descolado, costumava brincar com todo mundo e colocar apelidos nos colegas. Mas também ganhou o seu: “Miojo”, graças aos cabelos cacheados e compridos. Curtia video game, mas enchia a boca para dizer que “preferia xadrez”.

Quando o sinal tocou anunciando o recreio, Rafael sinalizou para seus colegas Davi e Marina: precisava falar com eles urgentemente.

Davi, sentado à sua frente, era magro e comprido, um dos mais altos da turma. Fazia o estilo “mal-humorado”, sempre criticando tudo, e colecionava mangás. Por causa da agilidade e do gosto pelos quadrinhos japoneses, era chamado de “Ninja” pelos colegas.

Ao lado do Ninja sentava-se Marina, o sorriso mais bonito da sala. Apelidada de “Branca” por Rafa, por ter ido a uma festa da turma fantasiada de Branca de Neve, Marina era meiga e gentil, mas também sabia reagir quando pisavam no seu calo. De cabelos pretos e lisos, na altura do ombro, sonhava em pintá-los de vermelho.

Rafael, Davi e Marina, melhores amigos declarados, reuniram-se num canto da arquibancada da quadra, onde gostavam de ficar, para que Rafael afinal contasse sobre a reunião que tinha presenciado na noite anterior. Estava visivelmente excitado:

- Tem um exterminador de cães no bairro!
- Como é que é?! – quase gritou Davi, com a boca cheia de sanduíche.

– Explica direito, Rafa! – pediu Marina.

Rafael contou o que ouvira na reunião, na qual esteve presente para acompanhar o pai, Flávio, dono da padaria Pomar do Pão. Falou das duas mortes por envenenamento, da senhora assustada, e que a polícia seria chamada.

Davi e Marina se entreolharam. Ambos tinham cachorro em casa: Davi, um velho basset chamado Sanduba; Marina, um vira-lata de nome Bagunça.

– E então? Vocês topam? – perguntou Rafael, enquanto tirava da mochila um velho livro.

– Topam o quê? – disse Marina. – Você não está pensando em...

– ... Exatamente, investigar o caso! – completou Rafa, mostrando para os colegas o *Manual do Detetive*.



Davi e Marina já conheciam o livro, claro. Rafa o tinha levado para o colégio muitas vezes, desde que o ganhou do pai, há quatro anos, e vivia em busca de situações para aplicar as técnicas de investigação ensinadas nele. Davi e Marina, como melhores amigos, curtiam a fissura de Rafa por descobrir mistérios, apesar de não terem a mesma empolgação.

– E, então, vocês topam? – insistiu o garoto.

Davi coçou a cabeça. Coragem não lhe faltava: praticava judô e imaginava-se imobilizando um inimigo e recebendo os aplausos do público. Também era bom ciclista, muito ágil no pedal para subir e descer as ruas do bairro. Mas não demonstrou empolgação com a proposta do amigo.

– Sei não, Rafa... Será que não é “viagem” dessa dona Penha?

– Eu acho até que pode ser verdade... Mas isso é trabalho para a polícia, gente! – considerou Marina, também sem vibrar com a ideia. Ela era desinibida, falava em ser atriz, e Rafa via na desenvoltura da menina um grande potencial para conversar com desconhecidos e arrancar informações preciosas.

– Eu sei que é trabalho da polícia... Mas se ajudarmos procurando pistas, se descobirmos antes deles, vai ser muito legal, não acham? – insistiu Rafa, olhando ansioso para os amigos.

– Pode ser... Mas não dá pra mexer com isso agora, esqueceu que é semana de provas? – falou Marina. – Que tal a gente esperar a polícia entrar na história?

– De mais a mais, o próximo sábado vem aí... Se houver mesmo um assassino, é o dia de ele agir, né? – perguntou Davi, e Rafa sentiu no tom de voz do amigo que ele continuava duvidando.

– Ué, então vamos aguardar – suspirou Rafa. – Só torçam para os cães de vocês não serem as próximas vítimas...

– Credo, Rafa! – disseram os amigos ao mesmo tempo.

O sinal tocou, avisando que era hora de retornar para a aula.

POODLE

(TAMANHOS GIGANTE, MÉDIO, ANÃO E TOY)

- **Área de origem:** Alemanha e Europa Central
- **Função original (gigante, médio e anão):** busca na água, artista
- **Função original (toy):** cão de colo

A palavra *poodle* vem do alemão *pudel* ou *pudelim*, que significa "espirrar na água". O poodle toy tem uma incrível capacidade de nadar, além de contar com uma pelagem adaptável à água.

